

## Uma Perspectiva Extensionista da Comunicação com Comunidades e Parceiros<sup>1</sup>

Ana Livia BARBOZA<sup>2</sup>

Emily MIQUELINO<sup>3</sup>

Vitória Silva SMARCI<sup>4</sup>

José Carlos FERNANDES<sup>5</sup>

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

### RESUMO

Segundo o documento “Política Nacional de Extensão Universitária” (2012), um dos princípios fundamentais da extensão é a interação dialógica, cuja natureza é horizontal. A presente pesquisa em progresso se propõe a pensar a horizontalidade para além das condições internas da produção da extensão, expandindo o conceito para seu impacto na relação com parceiros e com as comunidades tocadas pela ação extensionista, de modo a qualificar esse sistema de trocas sociais. Partimos de duas experiências praticadas no programa Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), da UFPR, em uma escola de periferia de Colombo, PR, o C.E. João Gueno; e em uma área de ocupação irregular, a Nova Esperança, em Campo Magro, PR.

**PALAVRAS-CHAVE:** Extensão universitária; Dialogicidade; Educomunicação; Comunicação Popular

### INTRODUÇÃO

A ação extensionista exige contínua triangulação entre comunidades – nas suas mais diversas acepções –, lideranças e, no âmbito deste artigo, educadores e comunicadores populares. Esse encadeamento de visões de mundo, não raro, não se dá de forma contínua e pacificadora. Muitos projetos nascem, crescem e morrem por força dos atritos entre os atores envolvidos, e não propriamente por forças externas, como se costuma acreditar.

Para que seja horizontal e dialógico, exige-se dos atores que, na relação extensionista, sejam vencidas as culturas autoritárias e hierárquicas, que se impõem por força dos padrões

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: [anabarboza@ufpr.br](mailto:anabarboza@ufpr.br).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Relações Públicas da UFPR, email: [emilymattos@ufpr.br](mailto:emilymattos@ufpr.br).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: [vitoria.smarci@ufpr.br](mailto:vitoria.smarci@ufpr.br).

<sup>5</sup> Coordenador do Ncep. Professor do curso de Jornalismo da UFPR, email: [zeca@ufpr.br](mailto:zeca@ufpr.br)

sociais (Moscovici, 2015). De modo pragmático, pode-se dizer que a relação com o que aqui chamaremos de “parceiros” gera aprendizados contínuos, mas também tensões contínuas, cuja natureza urge investigar.

O ponto de partida adotado para observar essa engrenagem será o Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) – programa de extensão do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná –, com 21 anos de atividades. O núcleo é um espaço privilegiado dessa observação – aqui entendida em seu aspecto preliminar – por trazer uma variedade considerável de atores: líderes de ocupações irregulares, médicos, professores de periferias urbanas, profissionais do sistema prisional, criadores e diretores de ONGs, lideranças trans, entre outros. Os descritivos que se seguem contemplarão apenas parte desses parceiros e a análise contemplará dois personagens em particular.

A questão que mobiliza o estudo é “em que medida a relação com lideranças, em projetos sociais, determina o sucesso ou insucesso de uma ação extensionista?”. Ao tentar responder essa pergunta, quer-se, de modo também preliminar, qualificar essa relação de modo a que ruídos internos à ação não prejudiquem os destinatários. Os autores que pautam essa discussão são Gonçalves e Quimelli (2016), Paulo Freire (2021) e Adílson Citelli (2017).

Com base nos pressupostos teóricos da horizontalidade e a dialogicidade – sem os quais a relação com os parceiros perde a especificidade –, entende-se o relacionamento com os parceiros da extensão educacional e popular como um objeto de estudo. O desenho dessas figuras – professores, agentes populares, diretores de organizações, entre outros – é mais suposto e sugerido nos estudos do campo do que especificado. Trata-se de um território ainda aberto à observação. E desafiador. Os atores não são planos, monolíticos, mas dotados de complexidade, tanto quanto as comunidades, escolas e instituições que representam. No intento de criar um índice básico sobre os possíveis tipos de parcerias, suas características e desafios que propõem por sua natureza de ação, este artigo tem por objetivo reforçar a importância desse sistema de trocas sociais (Braga, 2006). E esboçar possíveis enquadramentos sobre os núcleos biodiversos que incluem extensionistas, líderes e suas comunidades.

A metodologia utilizada para esse estudo em construção é de caráter exploratório. Os autores têm como ponto de partida a práxis junto a atores com os quais dividem as ações extensionistas. O momento da pesquisa é ainda o de identificação de perfis das lideranças, da natureza dos pactos de convivência e atuação formados ao longo das ações; e de identificação

das implicações desses encaminhamentos nos resultados. Serve de bússola no traçado da pesquisa o “caminho imersivo” (Barbosa, 2020) – que tem na observação de campo um de seus instrumentos. As possibilidades são múltiplas – passando pelas etnografias e cartografias – de modo a traçar o ecossistema ao qual o objeto está integrado.

### **NCEP, EXTENSÃO RAIZ**

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) é um programa de extensão do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com 21 anos de atuação ininterrupta, o Ncep nasceu da iniciativa de universitários dos cursos de Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, que estudavam no Juvevê, bairro nobre de Curitiba, e cujo desejo era realizar ações extensionistas transformadoras, levando o conhecimento adquirido na universidade para fora dos muros do *campus* onde estudavam<sup>6</sup>.

Foi a partir desse movimento de partilha que o núcleo deu início a seus trabalhos, em parceria com a professora doutora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, primeira coordenadora do então projeto de extensão. Oriunda das lutas democráticas do ABC Paulista, nos anos 1980, e das Comunidades Eclesiais de Base, as Cebes, Dalla Costa trouxe para o grupo os princípios da comunicação popular, da educomunicação e da democratização da comunicação (Carvalho, 2016).

A comunicação popular – base desta ação extensionista – possui princípios críticos-emancipadores, reivindicatórios e tem a comunidade como protagonista, o que a torna um processo democrático e educativo centrado nos parceiros, inclusive (Paiva, Barbalho, 2009). É um instrumento político das classes minorizadas para externar sua concepção no mundo e auxiliar na construção de uma sociedade mais igualitária. Trata-se de uma comunicação centrada nos marginalizados, feita por meio dos movimentos emancipatórios e da transformação estrutural da desigualdade social. Um dos principais autores que inspiraram os princípios da comunicação popular foi Paulo Freire (2021), cujo método se desenvolve com base na dialogicidade, transdisciplinaridade e impacto social.

Outra matriz teórico-prática que pauta o Ncep é a educomunicação. Assim como a comunicação popular, essa corrente ressignifica o sentido de comunicação e educação e, por

---

<sup>6</sup> Datas e projetos passados do Ncep foram retiradas dos registros internos da UFPR, no qual constam dados sobre os programas e projetos de extensão em funcionamento e aprovados pela instituição.

meio do ato educativo, permite emergir outras perspectivas para enxergar e atuar sobre a realidade (Soares, 2011; Citelli, 2017). É perceptível a importância da educomunicação no sistema educacional e fora dele – por ser uma força criativa capaz de gerar outros espaços educativos, dinamizando a divisão do conhecimento, e a democratização do acesso aos meios de comunicação e sua produção. Com o avanço tecnológico, surgiram novos formatos e modalidades dos meios de comunicação, a exemplo de sites comunitários, rádios comunitárias, documentários, livros, podcasts e outros suportes que auxiliam no processo de democratização e reforçam a ideia de um trabalho realizado com bases dialógicas (Rovida, 2020).

Os meios de comunicação no âmbito da comunicação horizontal podem e devem ser entendidos como um instrumento para a educação popular e libertadora, e como aliados de um processo educativo transformador de opiniões e mundo. Esse movimento tem sua base humanística na obra de Paulo Freire, que aponta de forma contínuo o papel transformador da educação (Melo, 2008).

O sentimento de pertencimento, de participação, interação e identificação social fazem toda a diferença, como ressalta Peruzzo (2009), pois a comunidade se baseia em identidade, ação conjugada, reciprocidade de interesse, cooperação, sentimento de pertencimento, vínculos duradouros e relações verdadeiras entre as pessoas. Busca-se, assim, a transformação das condições de desigualdade social e a efetivação da dignidade; e que todas as pessoas possam ter seus direitos de cidadania respeitados. A comunicação horizontal se reinventa constantemente e cada vez mais assume diferentes papéis e feições na sociedade contemporânea (Peruzzo, 2004; 2008).

Em síntese, a comunidade se materializa, também e sobretudo, nas lideranças que a representam e legitimam. O relacionamento entre as partes não se dá de forma mágica, mas construída, com base em pactos contínuos de convivência, etiqueta, revisão de objetivos, divisão de tarefas e vigilância contínua das bases éticas. Não há um manual pronto para o exercício desse protocolo.

## **PARCEIROS, UM INVENTÁRIO BREVE**

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) possui projetos com diversos parceiros, de diferentes áreas de atuação e níveis de parceria. Em 2023, deu início à formação de uma rede integrada de educadores, reunindo todos os seus parceiros para um

encontro com o pesquisador Ismar de Oliveira, pesquisador de referência no assunto (figura 1). A título de organização, podemos elencar os seguintes perfis, com a ressalva que se tratam de personagens-síntese, passíveis de observação por outros grupos de extensão:

- 1) **Educadora de periferia urbana:** Érica Rodrigues, professora dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública localizada em área periférica de uma das regiões metropolitanas de Curitiba. É graduada em Língua Portuguesa, com mestrado na área de Educação pela Universidade Federal do Paraná. Possui participação ativa em projetos de extensão da UFPR, com objetivo de estimular a leitura e produção escrita de crianças e adolescentes. Tem experiência como consultora educacional, na elaboração de materiais didáticos para aprendizagem dos estudantes.
- 2) **Líderes de ocupações irregulares:** Julian de Pol, ativista do Movimento Popular por Moradia (MPM), responsável pela organização da ocupação Nova Esperança, em Campo Magro, Região Metropolitana de Curitiba. É também um dos principais líderes da frente cultural da comunidade. Em conjunto, extensão atua com Ricardo Tamires, liderança do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), professor de História e doutorando na mesma área pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ambos têm participação ativa na ocupação Nova Esperança e congregadas, como as ocupações Dona Cida, 29 de Março, Tiradentes I e II e Independência. Por fim, em 2024 o núcleo firmou parceria com a Frente de Organização dos Trabalhadores Fort (FORT ORG) sendo um de seus líderes o jornalista Pedro Carrano, escritor e militante da organização da consulta popular.
- 3) **Liderança LGBTQIAPN+:** o núcleo desenvolve uma nova parceria com um professor do Departamento de Direito da UFPR, Leandro Franklin Gorsdorf, ex-pró-reitor de Extensão e Cultura da UFPR, militante e pesquisador da área de direitos humanos. É coordenador de um grupo de extensão com ênfase em direitos de cidadãos LGBTQIAPN+, a Máquina de Ativismos em Direitos Humanos, e faz parcerias com outros cursos dentro da universidade, a exemplo do Design Gráfico e Comunicação Social, com os quais desenvolve jogos cidadãos para líderes comunitários, trajetos urbanos de resistência e grupos de discussão.

- 4) **Infectologista extensionista:** Jean Marcel Lemes, médico infectologista e chefe do ambulatório de HIV do Hospital das Clínicas da UFPR. Líder do grupo Reatar, profissional acompanha pacientes do ambulatório, homens e mulheres empobrecidos, no geral, para que não abandonem o tratamento com antirretrovirais. Junto a esse grupo, Ncep produziu o livro *Vidas no positivo*, com depoimentos dos participantes.
- 5) **Criador de ONG para a infância:** projeto “Passos da Criança” iniciou suas atividades no ano de 2004, por iniciativa do assistente social Adílson Pereira, uma das lideranças da comunidade que viveu em situação de rua na infância. ONG, com sede na Vila Torres, região Central de Curitiba, atua na promoção do desenvolvimento integral das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Na vila em que está instalada a organização vivem aproximadamente 6,5 mil pessoas, sendo aproximados 30% formada por trabalhadores que atuam na coleta e reciclagem do lixo da capital. A comunidade tem o menor índice de desenvolvimento humano da região e diante desse cenário a ONG foi fundada com o objetivo de garantir os direitos das crianças os integrando com suas respectivas famílias e com a comunidade através de oficinas socioeducativas direcionadas a arte, cultura, esporte, lazer e cidadania. Ao longo dos anos o Ncep vem consolidando cada vez mais sua parceria com a ONG e com a comunidade através de trabalhos voltados para a área da comunicação, como no ano de 2023, quando o o programa esteve presente semanalmente na comunidade, realizando entrevistas com as lideranças locais para a realização do projeto museu da periferia.
- 6) **Líderes comunitários em áreas favelizadas:** as duas lideranças em questão – Valdemilson Osório de Campos e José Cordeiro – tiveram forte participação na garantia de direitos para a população da comunidade; e possuem uma sólida parceria com o programa de extensão. Cordeiro nasceu no interior e é morador da comunidade há 53 anos. Começou a se interessar pelo trabalho comunitário com 18 anos de idade. “Tanaka”, como Valdemilson é chamado, nasceu e mora na comunidade. É presidente da associação dos moradores há dois mandatos e desde a

juventude trabalhou pelas famílias da região, provendo alimentos e atendendo as demais demandas dos moradores da melhor forma.

- 7) **Educadora do sistema prisional:** professora de História e Geografia, Cristina Noriko (imagem 2) faz a mediação entre o programa de extensão Ncep e o Ceebja Doutor Mário Faraco, instalado no Presídio Central de Piraquara, endereço de mais de 10% da população prisional de todo o Paraná. Cabe a ela liberar alvarás semanais para que os extensionistas possam entrar nas alas e desenvolver oficinas e palestras com os encarcerados.

## **HORIZONTALIDADE NA PRÁTICA**

Manter uma boa comunicação com os parceiros do programa de extensão é fundamental para que as ações cumpram seus objetivos, atendam os estudantes e também as comunidades atingidas. Esse sentido contínuo de cuidado e hospitalidade é condição para manter vivos os princípios da comunicação popular e da educomunicação, estabelecendo uma relação baseada na dialogicidade (Gonçalves, Quimelli, 2016).

Na busca por aplicar os conceitos e práticas dialógicas, o Núcleo de Comunicação e Educação Popular articula seu papel como programa extensionista essencialmente com grupos que se encontram à margem da sociedade, e que carecem de atenção da mídia hegemônica. Estão no radar do programa, por meio de projetos específicos, a população trans, moradores de ocupações irregulares, estudantes de periferias urbanas, encarcerados, pessoas contaminadas pelo HIV, entre outros atores que passaram pelas parcerias do núcleo, a exemplo de catadores de recicláveis, população em situação de rua, adolescentes em conflito com a lei.

Esse processo interativo só é possível, nas mais de duas décadas de atuação do programa, com o auxílio de uma comunicação horizontal entre os extensionistas e as pessoas às quais, dentro do núcleo, são denominadas de parceiras (Gonçalves, Quimelli, 2016). Fazem parte desse grupo diretores de escola e professores, lideranças comunitárias, agentes de saúde pública, membros da sociedade organizada – a exemplo de servidores do Ministério Público, prefeituras e órgãos do Estado. Sem a troca contínua com esses atores – e o compromisso de estender a eles os braços da educomunicação e da comunicação popular – amplia-se o risco de uma ação sem impacto, ou mesmo assistencialista, o que é o contrário do que busca a extensão (Amaral et. al, 2021).

A título de amostragem, exploraremos aqui duas categorias de parceiros em específico – uma professora de periferia urbana e uma liderança popular ligada ao direito à moradia. Um claro exemplo da aplicação da educomunicação e da comunicação horizontal é a parceria que o Ncep estabelece há mais de seis anos com o Colégio Estadual João Gueno, localizado no bairro São Dimas, em Colombo, Região Metropolitana de Curitiba. A região pode ser chamada de “periferia da periferia”, dado sua distância do Centro de Curitiba, algo como 30 quilômetros. Durante todo o tempo em que o núcleo atua em conjunto com o colégio houve uma dialogicidade flagrante com o diretor Francis Eder Ribeiro da Silva e com a educadora que deu impulso à parceria entre a UFPR e o “Gueno”, Érica Rodrigues<sup>7</sup>.

A dialogicidade se estendeu aos alunos, que são os verdadeiros protagonistas da ação extensionista promovida pelo Ncep. É juntamente com eles que, desde 2018, o núcleo desenvolve oficinas que geraram projetos e produtos educacionais de alta visibilidade e elaboração. A primeira parceria entre o “Gueno” e o Ncep foi com uma turma do oitavo ano, que desenvolveu um livro de crônicas. Os textos surgiram de um mapeamento pedestre pelo bairro, conduzido pelos extensionistas, com o intuito de identificar problemas de calçamento, iluminação, transporte, segurança, moradia. As produções dos estudantes foram acompanhadas no regime de tutoria – ou seja: não havia correção das crônicas, mas comentários, acompanhamento e ajuda nas formas de dizer.

Da experiência nasceu a coletânea de crônicas *De pés no chão: o São Dimas que vivemos*. Seguiu-se a produção de um blog, o *Gueno News*, e um novo livro, com a mesma metodologia parceira, *O meu, o seu, o nosso São Dimas*, e a revista *Janelas abertas* – que mereceu o prêmio Expocom 2021 de “Melhor Projeto de Extensão”; e o *podcast ProfissaCast*. Todos esses projetos se deram mediante atitudes simples da direção da escola, como ajustar horários, conversar com os professores sobre a importância dessa troca e disponibilização de espaços.

No ano de 2023, após um *feedback* recebido sobre a atuação do Ncep no colégio, os extensionistas perceberam que os alunos sentiam a necessidade de produzir conteúdo

---

<sup>7</sup> A professora de Língua Portuguesa Érica Rodrigues se notabilizou em 2014 ao ganhar o prêmio nacional Viva Leitura, do governo Federal, pelo projeto que criou um vínculo entre a escritora de livros infanto-juvenis Indigo e a escola. Indigo iniciou troca de emails com os alunos, visitou o “Gueno” duas vezes e mostrou que a aproximação entre autores e estudantes se reflete no impulso à leitura.



audiovisual. Organizou-se uma roda de conversa em que os estudantes puderam expressar o planejamento de oficinas de vídeo e roteiro. Do empenho conjunto surgiu o curta-metragem *Se Deus quiser*, que conta a história do fantasma Fabinho, uma lenda popular na escola. Por trás do tema adolescente, tratado com humor, estão expressos os medos naturais dessa faixa etária em relação ao futuro. E também os medos produzidos por uma sociedade de violência – realidade que não é estranha ao São Dimas. Habitado por prestadores de serviços, o bairro é vizinho de uma das áreas de maior criminalidade no município de Colombo, o Monte Castelo.

Outro projeto surgido da dialogicidade é a parceria que o Ncep desenvolveu com as ocupações de Curitiba e Região Metropolitana e com o Movimento Popular por Moradia (MPM), cuja metodologia segue as diretrizes do Movimento Sem Terra (MST). As primeiras aproximações foram com a equipe de comunicação do MPM, e mediante visitas semanais à ocupação Nova Esperança – uma ocupação *sui generis*, por estar numa Área de Produção Ambiental (APA), do município de Campo Magro, na Região Metropolitana de Curitiba. O local é ocupado por mil famílias, 6 mil pessoas, em área subutilizada pela Prefeitura de Curitiba, proprietária dos terrenos. Não houve derrubada de árvores com a chegada do MPL. As casas estão em pequenos terrenos, dotados de fossa ecológica (Lima, Fernandes, 2022).

A partir desse diálogo, descobriu-se que a necessidade principal da ocupação era a produção de uma agenda positiva, noticiando para a região os projetos ambientais e educacionais desenvolvidos na Nova Esperança. E a revitalização da biblioteca da comunidade, com aproximados 3 mil livros doados, de modo a verter o local num ponto de leitura. Apesar de não se enquadrar completamente na área de comunicação, observou-se na consolidação da biblioteca oportunidade para reforçar um dos princípios mais importantes da extensão: a interdisciplinaridade (Política, 2015).

Para o avanço do projeto, fez-se uma nova parceria, desta vez com a ONG Freguesia do Livro e com os discentes dos cursos de Letras da UFPR. Criou-se uma força-tarefa para a ação na biblioteca da Nova Esperança. Na ação, os livros foram reconhecidos e alguns redirecionados. O projeto ainda está em curso, mas permitiu perceber o quanto o espaço de leitura credita um valor à Nova Esperança, uma espécie de atestado de boas intenções e desejo de inserção com a comunidade de Campo Magro (Silva, 2009).

Em nova rodada de conversa com as lideranças foram trazidas mais demandas da comunidade relacionadas à área da comunicação, dessa vez uma rádio comunitária, que aborde

temas de interesse dos moradores da ocupação, realize informes sobre as ações do MPM e divulgue comércios locais, fomentando a economia interna da Nova Esperança.

Observamos a efetividade das ações comunicativas com os parceiros, não só através de resultados concretos, como a realização dos produtos midiáticos no caso do Colégio Estadual João Gueno e a revitalização da biblioteca da comunidade Nova Esperança, mas por meio da ininterruptão das atividades juntamente deles. A parceria com o “João Gueno” soma seis anos e diversas dificuldades se instauraram ao longo do trajeto, como a implementação do Novo Ensino Médio, que tem como compromisso uma formação mais técnica e menos propedêutica (Silva, Boutin, 2018), na qual o espaço para ações educacionais é ínfimo.

**IMAGEM 1:** Encontro com lideranças para formação de uma rede de educomunicação em Curitiba.



Foto: Acervo Ncep/2023.

**IMAGEM 2:** extensionistas com professora parceira do Complexo Penitenciário de Piraquara, Região Metropolitana de Curitiba.



Foto: acervo Ncep/2024.

## ANÁLISE PRELIMINAR

Para extrair verdades e validades das relações do programa de extensão com seus parceiros, de modo a produzir, a partir desse objeto, conhecimento sobre o papel desses atores sociais, é preciso fazer cartografias específicas. Nenhuma relação entre extensionistas e parceiros repete modelos rígidos. Faz parte do processo recuperar memórias, documentos, testemunhos, de modo a entender cada grupo analisado como microcosmo em movimento. Sem esse princípio, a qualificação dessa relação tende a se tornar estéril (Barbosa, 2020).

Não se trata de um percurso metodológico “tranquilo”, por exigir que os pesquisadores considerem se tratar de um caminho em “desalinho” (Idem, 2020, p. 133), uma vez que não há uma coerência evidente entre ferramentas metodológicas, teorias e a prática. A observação é constelatória, errática, marcada por interstícios, mas um caminho possível para fazer interpretações e gerar sínteses.

A parceira do Colégio Estadual João Gueno, Érica Rodrigues, pode ser qualificada como “colaboradora padrão”. Desde 2014, a professora procura apoio da universidade para elucidar impasses que brotam do ambiente escolar, e para fazer intercâmbios. É interessada, pró-ativa, uma liderança discreta que chama os demais professores para a ideia de uma escola aberta à extensão. O que tem um preço: mexer em horários, alterar a rotina do colégio, criar interdisciplinaridade, de modo que as ações externas não sejam reduzidas a um adorno, mas se integrem de fato aos processos de aprendizado.

A parceria com o Movimento de Luta por Moradia, na figura do estudante de História Julian de Pol, é mais recente. Nasceu de uma ação contrária ao caso anterior. A partir de uma reportagem que mostrava a Comunidade Nova Esperança, em Campo Magro, PR, como a primeira ocupação a recorrer aos conhecimentos do Movimento Sem-Terra (MST), o grupo de extensão entendeu que deveria participar dessa conquista e aprender com ela. Foi preciso um demorado processo de aproximação, vínculo e acolhida. Sem os espartilhos da rotina escolar, como no caso do “Gueno”, o tempo da ocupação é mais elástico. As ameaças de despejo e as negociações para a regularização fundiária tendiam a atrasar cronogramas. Demandas urgentes – a exemplo de uma vigília para evitar o aniquilamento da comunidade Tiradentes II – exigem da extensão readequação contínua de calendários. E convencimento diuturno dos líderes sobre a natureza da universidade naquele cenário de conflitos.

Na comparação, tem-se um parceiro ideal e o parceiro real, para o qual os imperativos políticos pedem uma extensão mais responsiva aos apelos do tempo. Enquanto uma se pauta pelo projeto pedagógico, sem sobressaltos, a outra se nutre do vínculo contínuo, da reacomodação de horários e de uma dificuldade flagrante em admitir que a parceria objetiva um processo educativo, que não se abstém da política, mas que não se encerra nela. Numa e noutra parceria, no entanto, o risco é aplicar uma “racionalidade produtiva”, pautada por resultados (Citelli, 2017).

Tanto a escola quanto a ocupação aguardam por produtos comunicacionais – vídeos, cartilhas, jornais – que solidifiquem a parceria. A chamada “aceleração social do tempo” (Citelli, p. 13) fica ainda mais demarcada quando se espera de extensionistas comunicadores abreviem temporalidades, conferindo utilidade à ação. Na contramão dessa tendência, a educomunicação e a comunicação popular são desaceleradores, por abrirem espaço para o diálogo, a criatividade, as oitivas. É do cruzamento dessas expectativas, e do convencimento contínuo dos parceiros sobre os engodos de algumas de suas expectativas, que nasce um sistema de trocas emancipador (Freire, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES**

Manter uma comunicação constante com os parceiros é fundamental para o sucesso de qualquer projeto de extensão acadêmica. Isso implica não apenas em executar o planejamento ou cronograma estabelecido, mas também adaptá-lo, se necessário, para atender aos objetivos

dos alunos extensionistas e à realidade da comunidade. É crucial obter a validação e o *feedback* dos parceiros sobre como o plano pode funcionar para ambas as partes, garantindo que haja datas e atividades concretas definidas.

A pesquisa prévia sobre o contexto da comunidade ou grupo alvo pode levar a uma melhor compreensão da realidade. Sem entender plenamente o ambiente em que estão inseridos, é difícil explicar a educomunicação de maneira objetiva. Portanto, é essencial realizar uma análise detalhada do contexto antes de iniciar qualquer intervenção ou projeto (Rovida, 2020; Gonzalez, 2022; Amaral et. al, 2021).

O ato de se colocar no ponto de vista de alguém que não está familiarizado com o meio acadêmico, ao explicar os objetivos da parceria, é um exercício constante na construção das oficinas. Ajuda a garantir que a comunicação seja clara e acessível para todos os envolvidos. Adaptar a comunicação à plataforma mais acessível para os parceiros, seja via celular, e-mail ou outro meio, é elementar para garantir uma troca de informações.

Conhecer a disponibilidade de tempo e espaço cedido aos extensionistas garante que as atividades propostas sejam viáveis e adequadas, garantindo o planejamento de acordo com as limitações e recursos disponíveis. Um desafio adicional surge quando há a necessidade de recomeçar um novo projeto com o mesmo grupo. Ao finalizar um produto ou atividade construída em conjunto, é importante refletir sobre novas aplicações da educomunicação e identificação de demandas atuais do grupo. Isso requer flexibilidade e criatividade para adaptar os objetivos e estratégias de acordo com a constante mudança (Gonçalves, Quimelli, 2016)

A comunicação efetiva parte da capacidade de adaptabilidade e compreensão profunda do contexto, modo de agir essencial para o sucesso de projetos de extensão acadêmica. São aspectos que constroem parcerias sólidas e resultados significativos no campo da educomunicação. O diálogo esclarece dúvidas recorrentes que podem ser sanadas com conversas sinceras e objetivas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Muriel. BONFIM, Ivan. BRONOSKY, Marcelo. **Extensão universitária & jornalismo: caminhos coletivos**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2021.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método**: cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 22.<sup>a</sup> ed. Edição atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CITELLI, Adílson (org.). **Comunicação e educação**: os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. QUIMELLI, Gisele Alves de Sá. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: Ed. CRV, 2016.

GONSALEZ, Alexandra. **Jornalismo comunitário**. São Paulo: Contexto, 2022.

LIMA, Lucas; FERNANDES, Mayala. O nascimento de uma ocupação. **Jornal Comunicação**. Curitiba, 2022. Vídeo. <Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-FKnx55h\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=-FKnx55h_s)>. Acesso: 4/5/2024.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação, São Paulo: Paulus, 2008.

MOSCIVICI, Serge. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. 11.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAIVA, Raquel. BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

PERUZZO, Círcia, M. K. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

PERUZZO, Círcia, M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**, v.12, n.2, maio-agosto 2009, p. 46-61. <Disponível em : [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/download/947/887](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/download/947/887)>. Acesso: 4/5/2024.

PERUZZO, Círcia, M. K. Relações públicas nos movimentos sociais e comunidades: princípios, estratégias e atividades. **Anais Abrapcorp 2008**. Umesp. <Disponível em: [https://www.abrapcorp2.org.br/anais2008/gt5\\_krohling.pdf](https://www.abrapcorp2.org.br/anais2008/gt5_krohling.pdf)>.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras**. Manaus: Imprensa Universitária UFSC, 2015.

<Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias**: o diálogo social solidário nas bordas urbanas. Curitiba: Ed. CRV, 2020.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Karen Cristina Jensen Ruppel da; BOUTIN, Aldimara Catarina. **Novo ensino médio e educação integral**: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. Educação, Santa Maria, v. 43, n. 3. set. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.